

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT08.001

“[...] OLHO, OBSERVO E CONSIGO APRENDER UM POUQUINHO”: MEDIÇÃO TECNOLÓGICA PARA/ NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA POR SURDOS

JOAQUINA MARIA PORTELA CUNHA MELO

Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, educadorajoaquina@gmail.com;

TANIA MARIA DOS SANTOS

Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, tania.santos12@prof.edu.ma.gov.br;

JOSELITA XAVIER DE JESUS

Especialista em Língua Brasileira de Sinais pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo - IESM, joselitaxavier2@gmail.com.

RESUMO

A expansão e o acesso às tecnologias colaboram para a comunicação dos surdos que, ao utilizá-las, podem optar pela Língua de Sinais e/ou pela Língua Portuguesa. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é conhecer os usos que os surdos atribuem ao celular no dia a dia, identificando as mudanças que esse acesso tem proporcionado em Língua Portuguesa, bem como as dificuldades encontradas durante a utilização. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa e como ferramenta para geração de dados foi aplicada uma entrevista semiestruturada, sinalizada em Libras, com seis surdos. Dentre os principais autores que conversaram com os dados estão Xavier (2007); Stumpf (2010); Scheffer, Bez e Passerino (2014); Ferraz e Nogarol (2016); Soares (2002; 2018). Os dados obtidos foram divididos em duas categorias, a primeira trata sobre uso do celular e as mudanças causadas no contato com a Língua Portuguesa e a segunda refere-se às dificuldades com a Língua Portuguesa nas interações comunicacionais ou em situações diversas. Diante disso, os dados da pesquisa mostraram que os surdos usam o celular para pesquisa e interações, esta última acontece em Libras ou em

português, conforme seu interlocutor, mas preferem realizar mensagens em vídeo, uma vez que sentem muitas dificuldades na compreensão de palavras e textos extensos. Alguns surdos confirmaram o aprendizado de palavras em português, porém não tem sido significativo para outros, o que aponta lacunas no letramento dos surdos.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, surdo, tecnologia.

INTRODUÇÃO

Cada vez mais surgem discussões sobre o letramento e a alfabetização dos surdos. Ambos são consideradas habilidades indispensáveis para viver em uma sociedade movida por informações escritas, as quais se fazem presentes no cotidiano de várias formas, desde uma simples mensagem no celular, uma notícia veiculada em sites a textos acadêmicos.

Estar imersa em um grupo que utiliza frequentemente a escrita torna-se um desafio à comunidade surda usuária da Língua Brasileira de Sinais – Libras, que apresenta uma estrutura gramatical divergente da Língua Portuguesa (língua oficial do Brasil). Os surdos precisam fazer uso dela no dia a dia, na sua modalidade escrita, seja no contexto escolar ou em outros. A Lei 10.436/02 reconhece a Libras como meio legal de comunicação da comunidade surda brasileira. No entanto, é clara ao dizer que a escrita da Língua Portuguesa é insubstituível. Os surdos podem comunicar-se através da Libras, porém precisam conhecer e empregar a escrita da Língua Portuguesa.

Além disso, o cenário de ensino da Língua Portuguesa pautado na oralidade das palavras, com uma metodologia de primeira língua, dificulta aos surdos o contato à assimilação de construções textuais. Segundo Fernandes (2006), o baixo desempenho na leitura e na escrita dos surdos é reflexo do trabalho do professor que procura alternativas incompatíveis para ensinar a decodificação das palavras, sendo necessária a percepção dos sons no processo de alfabetização.

De acordo com Fernandes (2006), é pertinente optar pelo letramento no ensino da Língua Portuguesa para a construção do sentido e compreensão do que se lê. Nesse rumo, Soares (2018) afirma que letrar é buscar inserir o aluno em práticas de leitura e escrita que são empregadas por eles no cotidiano, uma vez que cada aluno vive em um quadro social que tem influências sobre sua leitura e escrita. A partir desta perspectiva, para a autora, não é suficiente decifrar o código, mas dar um sentido a ele com base nas vivências e conhecimentos de mundo do discente.

Conseqüentemente, com o surgimento de novas maneiras de registros e interações por meio da escrita, as concepções e conceitos relativamente à alfabetização e ao letramento necessitam acompanhar as mudanças. Um nítido exemplo está no processo que cabe não apenas um, mas vários letramentos, ou seja, multiletramentos (SOARES, 2002). Face a isso, atualmente, o celular proporciona mais independência aos surdos, pois podem usar os recursos disponíveis para estarem

em constante comunicação com outros surdos e ouvintes, seja através de vídeos sinalizados em Libras ou em Língua Portuguesa, este último caso exige dos surdos produções escritas e leitura das mensagens recebidas. Então, a insegurança de escrever corretamente e de realizar uma leitura sem dificuldades faz com que os surdos optem por sinalizar (SILVA; COSTA; LOPES, 2014).

Desse modo, no panorama educacional do passado, os surdos eram educados de forma diferente dos ouvintes, estes eram privilegiados com o ensino da leitura, da gramática, da matemática e artes, enquanto aqueles eram ensinados a falar e a gesticular (BUENO, 1993). Por muito tempo vem se discutindo e é cobrada a competência dos surdos em aprender a Língua Portuguesa, entretanto, o ensino para surdos requer reflexão acerca das diferenças implicadas no processo, que carece de construções e intervenções diferenciadas (BERNARDINO; SANTOS, 2018). Entre um dos principais aspectos que revolucionam o contato das pessoas com a escrita está a inovação tecnológica, que dispõe de inúmeros recursos facilitadores do aprendizado, seja em qual for o espaço (escolar ou extraescolar), especialmente na/da comunidade surda, auxiliando no letramento desse público.

Consoante Vieira (2013, p. 3), “surge uma nova realidade linguístico-textual – o hipertexto – que coloca desafios e possibilidades para o processo de ensino e aprendizagem da leitura como prática social”, o que diferencia do passado, no qual o registro era rudimentar, em pedras, papiros, e o domínio era de grupos restritos, que a usavam como ferramenta de poder e controle (LODI, 2015).

Nesse viés, o presente trabalho tem como intuito pesquisar o letramento do surdo, não aquele restrito ao ambiente escolar, sendo o mais pesquisado atualmente, e sim como eles estão utilizando o celular para escrever, ler, pesquisar, e se esse uso viabiliza mudanças na sua leitura, produção escrita da Língua Portuguesa e a ampliação do vocabulário. Por esse motivo, a relevância da pesquisa está em verificar como as tecnologias digitais estão presentes, contribuindo ao aprendizado da Língua Portuguesa dos surdos, posto que ocorre uma expansão e facilidade de acesso aos dispositivos móveis e às redes sociais. Com isso, a ampliação nas formas de registro proporcionalmente favorecem o surgimento de leitores, escritores usuários de diferentes técnicas de uso da Língua Portuguesa.

Em vista disso, para geração de dados, optou-se por uma metodologia qualitativa, com aplicação de uma entrevista semiestruturada sinalizada em Libras. A partir das entrevistas, percebeu-se que os surdos manifestaram sentir dificuldade com mensagens extensas e com a estrutura da Língua Portuguesa, mas foi possível

constatar que o celular não é apenas uma ferramenta de comunicação, incluindo o uso para pesquisas, e que já houve a aprendizagem de novas palavras, ainda que não tenha sido significativo.

Outrossim, observou-se que a mediação com o outro oportuniza aprendizados e uma autonomia necessária para o desenvolvimento linguístico, cultural, social e acadêmico do aluno surdo. Do mesmo modo, quando preciso, a tecnologia pode e deve ser empregada para facilitar esse processo de desenvolvimento. Logo, a mediação tecnológica propicia a realização de atividades, mesmo à distância, facultando experiências exitosas, inclusive em espaços educacionais.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma perspectiva qualitativa, uma vez que proporcionou um leque de instrumentos de pesquisa que facilitaram o recolhimento de informações dos participantes por meio de uma entrevista semiestruturada. Nessa linha, a entrevista foi escolhida por oportunizar “a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34). Dessa maneira, as respostas não ficaram presas a afirmações ou negações, mas permitiram uma explanação mais abrangente pelo participante em relação ao que está sendo pesquisado.

A aplicação da entrevista foi realizada com seis participantes surdos, identificados como S1, S2, S3, S4, S5, S6. Deles, dois eram do sexo masculino (S1 e S2) e quatro do sexo feminino. Ainda, dois estavam cursando Graduação (S3 e S4), três o Ensino Médio (S1, S5 e S6) e apenas um tinha Curso Superior e estava em sua segunda Graduação (S2). Como os participantes eram surdos, optou-se pela gravação em vídeo das entrevistas sinalizadas em Libras. Posteriormente, os vídeos foram interpretados e analisados pelas autoras desta pesquisa. A produção da entrevista por vídeo foi autorizada pelos surdos por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Por questões éticas, os vídeos foram usados estritamente para os fins da pesquisa.

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

As tecnologias digitais, mais especificamente o celular com suas diferentes funções, já fazem parte do cotidiano das pessoas, tanto para comunicação como para acesso a informações, músicas, vídeos e realização de transações bancárias. Diante disso, esta pesquisa buscou saber como os surdos utilizam o celular e como esse uso influencia seu contato com a Língua Portuguesa. Assim, para análise e discussões deste estudo, os seis questionamentos da entrevista foram divididos em duas categorias. A primeira diz respeito ao emprego dado ao celular, identificando as mudanças que esse acesso tem proporcionado em Língua Portuguesa. Já a segunda procura apontar as dificuldades decorrentes do uso.

Para um melhor entendimento dos dados gerados, inicialmente apresenta-se a pergunta, em seguida, as respostas dos seis participantes e por fim as análises, de acordo com o aporte teórico utilizado na investigação.

USOS DADO AO CELULAR POR SURDOS E AS MUDANÇAS EM RELAÇÃO À LÍNGUA PORTUGUESA

As respostas dos participantes demonstraram o uso que os surdos fazem do celular e as mudanças são verificadas, dependendo do nível de escolaridade do participante e de sua interação com a tecnologia. A seguir, para cada pergunta, apresentam-se as respostas dos colaboradores da pesquisa. Para conhecer o uso dado ao celular, a primeira pergunta foi: **Você usa celular para realizar leituras e escrever? Quais os textos você lê ou escreve?**

Quadro 1 – Uso do celular

S1	<i>Eu gosto do celular, mas tenho muita dificuldade na leitura e escrita. Eu não leio nada.</i>
S2	<i>Eu leio texto sobre esporte, jornais e outros textos.</i>
S3	<i>Sinto dificuldade com um português elaborado. Vejo piada.</i>
S4	<i>Eu não conheço muitas palavras, quando o texto é grande peço para fazer reduzido e ser mais objetivo. Depois da adaptação entendo.</i>
S5	<i>Sim. Mensagem em grupo de amigos e pesquisa de atividades escolares.</i>
S6	<i>Sim. Mensagens.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Percebeu-se, nesse questionamento realizado aos surdos sobre o uso do celular para troca de mensagens em seu cotidiano, a nítida dificuldade com a Língua Portuguesa em seus discursos, principalmente com textos mais extensos, como citado por S4, ou com um vocabulário mais formal, como mencionado por S3. Apenas os surdos S2, S3 e S5 disseram usar o celular não somente como ferramenta de comunicação, mas como meio para pesquisar outros assuntos e entretenimento. Segundo Góes (2012), um dos empecilhos para compreensão e produção do português escrito é a presença de palavras com variações em sua escrita ou por não ter um sinal correspondente em Libras, dessa maneira, os surdos, ao terem contato com a mensagem escrita e tentarem traduzir para a Língua de Sinais, não conseguem ter sucesso.

Imersos em um sistema educacional normalizador, os surdos não tinham acesso à leitura e escrita no padrão das demais pessoas, deixando de desenvolver habilidades básicas e fundamentais para sua vida escolar e social. O modelo de ensinar os surdos pode ter passado por alterações, no entanto, ainda se presencia que o ensino da Língua Portuguesa continua “ignorando a diversidade de linguagens em circulação, pressupõe-se que, sem o domínio da escrita, conforme rege a norma culta, os surdos não terão condições de se desenvolverem completamente” (LODI; HARRISON; CAMPOS, 2014, p. 39).

Um dos impedimentos para desfrutar dos recursos oferecidos pelo aparelho móvel pode ser em decorrência da dificuldade com a Língua Portuguesa, pela forma como o surdo teve acesso à aprendizagem dessa língua em seu processo de alfabetização e não algo causado exclusivamente pela surdez (BERNARDINO; SANTOS, 2018).

No contexto acadêmico e posteriormente fora dele, as novas tecnologias ou mídias digitais,

[...] têm trazido, sem dúvida, possibilidades reais de inclusão, participação e crescimento para esse alunado, e quando adotadas como ferramentas educacionais, podem qualificar muito o nível de ensino, acelerar o processo de pesquisa e ressignificar o conceito linear do saber, democratizando o processo de construção do conhecimento para esses educandos (SCHEFFER; BEZ; PASSERINO, 2014, p. 320).

Desse modo, o sujeito surdo pode ultrapassar as barreiras de comunicação impostas a ele e superar as dificuldades da escrita e da leitura em Língua Portuguesa, pois, com as tecnologias, a escrita e leitura transcende o papel e, atualmente, é

possível usar linguagens variadas (imagens, sons, vídeos, textos) para aprender, se comunicar, assim como produzir (SANTAELLA; NÖTH, 2015). À vista disso, as ferramentas digitais contribuem para a “interação, comunicação, a colaboração e a cooperação no processo de mediação com o outro, favorecendo o desenvolvimento da autonomia e sua inclusão sociodigital” (SCHEFFER; BEZ; PASSERINO, 2014, p. 322).

Nesse âmbito, é perceptível que o celular está presente no cotidiano do surdo e com ele o contato e uso da Língua Portuguesa, seja em circunstâncias mais simples ou mais elaboradas, ainda que a dificuldade exista, como citado pelos participantes, essa é uma outra forma de contato com a estrutura da língua oral, além da sala de aula.

Nesse sentido, considerando a necessidade de saber como a comunicação acontece, efetuou-se a segunda pergunta: **Como você realiza a comunicação em suas redes sociais, escrita ou em vídeo?**

Quadro 2 – Comunicação realizada nas redes sociais

S1	<i>Só uso o celular para assistir vídeos. Posto fotos, mas sem textos.</i>
S2	<i>Gosto das redes sociais, prefiro postar fotos a vídeos. Envio textos para os amigos, para combinar algo. Prefiro textos mais sucintos, uma vez que os mais longos provocam dificuldade na minha compreensão.</i>
S3	<i>Uso só duas redes sociais, o Instagram e o Whatsapp. Nelas uso somente o português escrito para comunicação.</i>
S4	<i>Prefiro fazer minhas mensagens em vídeo.</i>
S5	<i>A comunicação em vídeo sinalizado com surdos, mas com ouvintes, uso mensagens escritas, por ser melhor.</i>
S6	<i>Melhor vídeo.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Para Scheffer, Bez e Passerino (2014), os surdos foram beneficiados com a evolução das tecnologias, visto que passaram a ter mais ferramentas para sua comunicação com surdos e ouvintes.

[...] acredita-se que a imersão no mundo midiático possa proporcionar a esses sujeitos, inscritos num grupo que se constitui em minoria, a possibilidade de maior autonomia, com as novas possibilidades de comunicação e acesso a informações, bem como a construção de sua identidade (SCHEFFER; BEZ; PASSERINO, 2014, p. 311).

Os surdos tiveram, com as tecnologias, a flexibilização no envio de mensagens ou no modo de passar uma informação, que pode ser através de vídeos, fotos, *emotions* e a escrita em português.

Ao verificar-se a principal escolha dos surdos para sua comunicação, observou-se que S1, S4 e S6 afirmaram preferir usar vídeos, logo, a construção é feita toda sinalizada, isenta das influências da escrita. Conforme Silva, Costa e Lopes (2014), para os surdos, é muito complexo pensar e sinalizar uma língua e escrever em outra, esse é um dos motivos que fazem os surdos optarem pela sinalização em vídeos ou a tradução.

Notou-se que S2 e S4, mesmo já tendo cursado toda a Educação Básica e estando na Graduação, apresentam dificuldades para usar a escrita em comunicações diárias. Para Góes (2012), isso pode ser uma consequência dos métodos voltados para ouvintes, os quais também são usados para os surdos na apresentação da leitura e da escrita.

Ademais, atentou-se que S5 faz a escolha de acordo com o seu interlocutor, se ouvinte usa o português, isso ocorre pelo fato de achar que por ser ouvinte domina a escrita, por outro lado, reconhece a dificuldades com os surdos em ler uma mensagem em português e prefere usar vídeos em Libras para que seja compreendido.

Os participantes S1 e S2 relataram usar preferencialmente fotos em suas redes sociais, já que elas têm intenção e potencialidades. Segundo Santaella e Nöth (2015), as imagens têm uma intenção comunicativa, possuem autonomia informativa, sem estar acompanhado, necessariamente, de uma legenda, isso se deve a seu valor de representatividade.

No passado, a leitura e a escrita representavam uma habilidade de poucos, serviam como ferramenta de dominação e negação de conhecimento das classes majoritárias para com as minoritárias (LODI, 2015). Quando essa prática passou a ser ensinada, esteve ligada ao ambiente escolar como responsável, entretanto, Rojo (2009) assegura que o letramento não é função somente da escola, mesmo este sendo o mais valorizado, pode ocorrer em outros espaços.

Dentro desse entendimento está o letramento digital que, em concordância com Coscarelli e Ribeiro (2005), são as práticas sociais de leitura e escrita em situações variadas, com o uso de dispositivos digitais. Nessa seara, dentre o mais popular e de maior acessibilidade está o celular, um dispositivo móvel, com diferentes modelos, diversos recursos e ferramentas, que tem influenciado nas formas de comunicação da população brasileira. Contudo, se faz necessário para o manuseio

das tecnologias, “aprendizagem de comportamentos e raciocínios específicos” (XAVIER, 2007, p. 133).

Por isso, é preciso, além do acesso às tecnologias, especificamente, ao celular, o conhecimento sobre o letramento digital para que os comportamentos e raciocínios específicos se concretizem de maneira a garantir as habilidades de escrita e leitura de todos que fazem uso dessa ferramenta, uma vez que o:

[...] celular, por exemplo, mudou abruptamente, pois, se antes atendia à função comunicativa de receber e realizar chamadas, hoje em dia, pode enviar e receber e-mails, realizar compras online, fornecer mapas virtuais, prover jogos eletrônicos, enviar mensagens de texto e mensagens multimodais (áudio, fotos e vídeos combinadas), proporcionar o visionamento de filmes, prover acesso às redes sociais, gravar, editar e produzir música e vídeos, enfim, temos um computador em nossas mãos (FERRAZ; NOGAROL, 2016, p. 98).

O dispositivo móvel foi uma mudança para toda a sociedade, e para os surdos representou mais autonomia face aos inúmeros recursos, dado que, no passado, usavam o *Telephone Device for Deaf* (TDD), um aparelho telefônico com teclas destinadas para digitação de mensagens recebidas por uma central encarregada de repassar ao seu destinatário final, oportunizando a comunicação entre surdos e ouvintes. Para os surdos, o TDD era uma tecnologia revolucionária, mas de difícil acesso (STUMPF, 2010). Então, o que fica evidente, hodiernamente, é a evolução da tecnologia, que traz muitos benefícios à comunidade surda. Frente a tal possibilidade, a terceira questão foi: **Na sua opinião, as tecnologias contribuíram para melhorar sua habilidade na leitura e escrita?**

Quadro 3 – Contribuições da tecnologia na leitura e escrita

S1	<i>Eu não sei opinar.</i>
S2	<i>Sim.</i>
S3	<i>Sim. Eu aprendo português pelo contato e as interações que estão mais fáceis.</i>
S4	<i>Não ajuda. O corretor atrapalha na compreensão das palavras.</i>
S5	<i>Com as tecnologias consigo melhorar a minha leitura.</i>
S6	<i>Sim.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Com a terceira pergunta, verificou-se que as respostas dos participantes foram, na maioria, positivas (S2, S3, S5 e S6), confirmando que as tecnologias contribuíram de algum modo para melhorar as habilidades na escrita e na leitura. O participante S1 não soube responder ao questionamento, apesar da intérprete refazer a questão durante a entrevista, ao contrário da participante S4, que respondeu de forma negativa e justificou, dizendo que o corretor atrapalha na compreensão das palavras.

A respeito das contribuições das tecnologias para a aquisição de habilidades de escrita e leitura pelo sujeito surdo, Scheffer, Bez e Passerino (2014) afirmam que as mídias digitais, por estarem mais acessíveis e por seu caráter visual, favorecem a assimilação por sua maneira de comunicação.

Nesse prisma, cada sujeito aprende e se adequa à sua realidade de modo diferente. Por conseguinte, o participante que não soube opinar sobre o questionamento realizado, ou mesmo aquele que respondeu negativamente, pode ter dúvidas acerca do significado das contribuições. No entanto, tais benefícios são visíveis pelo uso constante para assistir ou postar vídeos, como observado nos primeiros questionamentos, tendo em vista que os vídeos são realizados em uma modalidade na qual eles conseguem atribuir sentido, sejam sinalizados ou não.

Nessa esfera, o que falta, em alguns casos, é um mediador que possa contribuir com orientações para que o aprendizado ocorra de forma organizada e a autonomia digital não seja focada apenas em “passa tempo”, porém em uma ferramenta de construção e elaboração de sentidos em textos e produções em Língua Portuguesa. A mediação pode ser intermediada com a presença de um recurso tecnológico e, como vem demonstrando-se, o celular tem cumprido esse papel, em razão disso, a quarta pergunta indagou: **Você já aprendeu palavras ou conceitos através da comunicação no celular?**

Quadro 4 – Aprendizagem de palavras ou conceitos pelo celular

S1	<i>Ainda não. Olho, observo e consigo aprender um pouquinho.</i>
S2	<i>Sim.</i>
S3	<i>Algumas vezes sim. Depende da adaptação do texto.</i>
S4	<i>A língua portuguesa é muito complexa, muito profunda e pesada para mim.</i>
S5	<i>Sim. Já aprendi e consigo me comunicar.</i>
S6	<i>Sim.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Pelas respostas dos participantes, percebeu-se que grande parte já aprendeu palavras ou conceitos novos com o uso do celular. Somente o participante S4 não deixou claro se aprendeu ou não, revelando grande dificuldade em relação ao aprendizado da Língua Portuguesa.

Nesse caminho, referente aos participantes que conseguem aprender com o uso do celular, é importante frisar que a

Internet e serviços móveis tornam a comunicação mais rica, abrangendo mais mídia e mais uso pessoal [...]. Isso oferece oportunidades anteriormente desconhecidas e novas para aprender [...]. Enquanto isso, as teorias de aprendizagem têm que ser atualizadas e entrar em sintonia com a revolução digital. A prática pedagógica ainda é dominada pela tecnologia livro (SOBY, 2008, p. 123 *apud* FERRAZ; NOGAROL, 2016).

Pelo exposto, as novas maneiras de aprendizagens envolvem as mídias digitais e estas facultam o desenvolvimento linguístico de estudantes que, por alguma peculiaridade, não conseguem aprender pelo meio tradicional. Para alunos surdos com pouca fluência na Língua Portuguesa, o uso de mídias digitais, principalmente o celular, é uma oportunidade de melhorar suas habilidades linguísticas no português escrito, pois a visualidade é um aspecto inerente a este tipo de tecnologia. Muitas vezes, o que falta é acesso ao celular em sala de aula, várias escolas e diversos professores ainda resistem a este tipo de recurso.

Outrossim, relativamente à resposta do participante S4, entendeu-se que a Língua Portuguesa, assim como qualquer outra língua, carece de práticas e experiências favoráveis, que levem a uma aprendizagem significativa. Sem embargo,

A população surda, em nosso país e na maioria dos países, é em grande parte, composta de analfabetos funcionais na escrita da língua oral do próprio país e as produções em Libras exigem a disponibilidade de vários artefatos de cultura como câmeras, vídeos, tradutores, intérpretes etc. (STUMPF, 2010, p. 2).

O analfabetismo funcional em relação aos alunos surdos é fruto, frequentemente, de práticas pedagógicas que valorizam aspectos orais da língua majoritária, tal como a necessidade de recursos humanos e tecnológicos, os quais muitas escolas ainda não dispõem. Essa situação gera dificuldades que, por vezes, são barreiras para o êxito de atividades que seriam prazerosas não fossem os empecilhos causados por falta de conhecimentos linguísticos mínimos.

Desse modo, a seguir, reflete-se sobre as possíveis dificuldades enfrentadas por surdos quando da comunicação do dia a dia, seja em ambientes educacionais ou não.

DIFICULDADES DURANTE O USO DO CELULAR EM RELAÇÃO À LÍNGUA PORTUGUESA

Todo aprendizado tem desafios que precisam ser superados pelos sujeitos que se disponibilizam para desenvolvê-lo. Concernente às dificuldades que os surdos encontram na comunicação em Língua Portuguesa está o fato de esta ser de modalidade diferente da Libras. Então, para se conhecer tais dificuldades, formulou-se a quinta pergunta: **Você compreende as mensagens de texto que recebe no celular?**

Quadro 5 – Compreensão leitora recebidas pelo celular

S1	<i>Compreendo pouco.</i>
S2	<i>Sim, mas com muita dificuldade, algumas palavras de textos mais longos preciso pesquisar o significado.</i>
S3	<i>Entendo as mensagens, sejam textos curtos ou longos.</i>
S4	<i>Se o texto for muito longo, tenho dificuldade com as palavras. Prefiro textos menores e mais simplificados.</i>
S5	<i>Mais ou menos. Entendo as mensagens escritas, mas precisam ser simples.</i>
S6	<i>Às vezes não.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Consoante S1, S2, S4, S5 e S6, a dificuldade com a Língua Portuguesa, nesta pesquisa, foi unânime, enquanto S2, S4 e S5 asseveraram preferir textos com estrutura mais simples e com objetividade.

As práticas de leitura e escrita com recursos digitais fogem do tradicional, podem ser realizadas em uma tela, ampliando as formas de leitura e produção como: vídeos, imagens, textos e sons (XAVIER, 2007). Não obstante, com múltiplas maneiras de se produzir uma mensagem, os surdos não estão isentos do contato com a Língua Portuguesa nesses meios.

Stumpf (2010) reitera que o acesso às tecnologias pelos surdos vem acontecendo. Algumas operações executadas com os recursos digitais podem ser intuitivas, por serem ferramentas potencialmente visuais, ainda assim, o surdo, para

conseguir um melhor manuseio, necessita da alfabetização, dado que se deparará com palavras, regras escritas em português. Logo, os surdos evitam usar os meios tecnológicos para outra coisa que não seja a comunicação em suas redes sociais.

Nesse cenário, o uso do celular pode ser restrito às interações mais básicas e/ou somente com a utilização da linguagem não verbal escrita, fato que diminui a potencialidade de um recurso tão rico em oportunidades. Por isso, questionou-se: **O que mais dificulta sua compreensão das mensagens escritas que você recebe?**

Quadro 6 – Dificuldades na compreensão de mensagens escritas

S1	<i>Eu acho muito ruim. Não compreendo os textos muito longos.</i>
S2	<i>Sinto muita dificuldade.</i>
S3	<i>A dificuldade é na compreensão de algumas palavras.</i>
S4	<i>A complexidade da gramática do português dificulta a compreensão das informações.</i>
S5	<i>Compreender palavras novas, mas precisamos aprender.</i>
S6	<i>As palavras em português.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Ao que tange o questionamento seis, para os participantes S3, S5 e S6, a compreensão do léxico foi a dificuldade elencada. O participante S1 apontou ter dificuldade com textos longos e, por seu turno, S4 apresentou a gramática como dificuldade de compreensão, enquanto S2 não especificou a dificuldade que tem.

As dificuldades indicadas pelos participantes condizem com suas experiências nem sempre positivas em relação à Língua Portuguesa. A escolarização tardia em muitos casos, um ensino baseado na oralidade, negação da Libras, são alguns fatores que constituem barreiras que, de certo modo, impedem o desenvolvimento linguístico do surdo, resultando em adultos não alfabetizados em Língua Portuguesa, dificultando seu acesso também a bens e serviços que são acessíveis pela modalidade escrita.

Quanto ao participante que respondeu que a dificuldade estava no tamanho do texto, é compreensível, porque as estruturas gramaticais da Língua Portuguesa e da Libras são diferenciadas e isso, muitas vezes, confunde a leitura realizada por sujeitos surdos. Pelas respostas anteriores, constatou-se que o participante não interage bem com o português e tem muitas limitações, porém, estas podem ser superadas pelo uso de estratégias que valorizem o aspecto visual da língua e,

Nesse cenário, para participar efetivamente da sociedade letrada, o indivíduo não pode se dispor apenas de habilidades de (de)codificação, mas precisa, ainda, ser capaz de utilizar estratégias diferenciadas de leitura para dar conta dos letramentos necessários para agir e interagir na vida contemporânea (VIEIRA, 2013, p. 4).

Nesse caso, o aluno surdo também é responsável por sua aprendizagem. A vida contemporânea exige sujeitos ativos, que busquem formas de aprender e efetivar uma comunicação eficiente. Contudo, a leitura e a escrita da língua oral para grupos minoritários como os surdos é representada pelo desafio da comunicação entre duas línguas de modalidades distintas.

Como mostra Quadros (1997, p. 46), “[...] as línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais: são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através dos canais oral-auditivos, mas através da utilização do espaço”. Nesse viés, a modalidade das línguas faz com que o usuário adeque os processos de produção e recepção das informações, de modo que construam o sentido pretendido quando das interações comunicacionais.

Apesar dos surdos usarem a Libras, reconhecida pela Lei 10.436/2002, para comunicação e expressão, esta mesma lei é clara ao expressar que a Língua Portuguesa escrita não pode ser substituída, ou seja, os surdos precisam utilizar a língua oficial do país, dentro das escolas, em documentos e em diversas situações do cotidiano, o que exige um domínio mínimo para a construção e compreensão de sentenças. Entretanto, Góes (2012) alerta que os surdos têm acesso à Língua Portuguesa com restrições em diversos espaços, desde o escolar ao social.

Destarte, frente às análises realizadas, fica claro que o celular, além de servir às interações pessoais cotidianas, pode ser utilizado para mediar o letramento digital de alunos surdos que a princípio demonstram grandes dificuldades quanto as sentenças em Língua Portuguesa. Dificuldades estas justificadas por um sistema de ensino centrado, majoritariamente, em metodologias para alunos ouvintes, gerando, aos surdos, barreiras linguísticas que podem ser sanadas com o uso de instrumentos que possibilitem a visualidade, o celular, por exemplo.

O celular é um dispositivo móvel que tem uma presença notável entre os brasileiros, em virtude disso, acaba sendo também muito presente na vida dos surdos. Através dele a comunidade surda ampliou suas formas de comunicação, podendo ser por vídeos sinalizados, *emotions*, *gifs*, figurinhas, enfim, por diferentes aspectos multissemióticos inerentes a dispositivos digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As habilidades de escrita e leitura, por muito tempo, fizeram parte da vida de uma parcela pequena da sociedade. Contudo, atualmente, essas habilidades estão cada vez mais acessíveis, devido, mas não exclusivamente, à inovação tecnológica, que permite a seus usuários possibilidades de acesso a conhecimentos antes bem restritos. A restrição ao conhecimento pode ser causada especialmente por fatores econômicos, culturais e sociais, que impedem a grupos minoritários oportunidades de acesso à informações e ao desenvolvimento de seu letramento.

Dentre esses grupos minoritários, cita-se a comunidade surda, usuária da Libras, língua que garante a ela o direito de se comunicar em sinais e que por ser de modalidade visual favorece sua interação por meio de imagens, vídeos sinalizados – aspectos multissemióticos inerentes a dispositivos digitais. Nesse contexto, o dispositivo a que os surdos mais têm acesso para comunicações cotidianas é o celular.

Neste trabalho, constatou-se que o celular é utilizado tanto para fins acadêmicos como para interações pessoais. As dificuldades identificadas dizem respeito à construção de sentido em sentenças da Língua Portuguesa, por isso a maioria dos participantes afirmou preferir vídeos sinalizados para a comunicação, sobretudo com pares surdos, o que mostra que o uso da Língua Portuguesa, apesar de ser um processo presente no cotidiano de surdos, precisa ainda de estímulos, principalmente no ambiente escolar, uma vez que é neste espaço que esses alunos dispõem do acesso ao ensino da língua oral de forma sistemática. Além disso, é neste espaço que há a interação com seus pares ou colegas ouvintes, assim, a comunicação escrita no celular pode deixar de ser uma atividade de cunho pessoal e passar a ser uma maneira de exercitar a escrita da língua.

Referente as contribuições desta pesquisa, é possível sustentar que as mídias digitais, precipuamente o celular, podem contribuir com o desenvolvimento não só acadêmico, mas também social e cultural do surdo. Isso se justifica dado que, ao facilitar a comunicação, favorece a interação e o contato com a Língua Portuguesa, podendo proporcionar o desenvolvimento de um alicerce necessário que garanta a independência linguística desse sujeito.

Diante dos pontos apresentados na pesquisa, sugere-se que haja mais investigações sobre as potencialidades das interações cotidianas através do celular na vida dos surdos, seja do seu letramento digital ou acadêmico.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, E. L. A.; SANTOS, E. R. Ensino do português para os Surdos - Uma análise da prática. *In*: SILVA, I. R.; SILVA, M. P. M. (Org.). **Letramento na diversidade**: Surdos aprendendo a ler/escrever. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018. p. 107-152.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de abril de 2002. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BUENO, J. G. S. **Educação Especial Brasileira**: Integração/Segregação do aluno diferente. São Paulo: Educ, 1993.

COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2005.

FERNANDES, S. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED, 2006.

FERRAZ, D. M.; NOGAROL, I. V. Letramento digital: os usos dos celulares em aula de licenciatura em inglês. **Tecnologia Sociedade**, Curitiba, v. 12, n. 26, p. 97-114, 2016.

GÓES, M. C. R. de. **Linguagem, surdez e educação**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

LODI, A. B. C.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. Letramento e Surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional. *In*: LODI, A. B. C. *et al.* (Org.). **Letramento e Minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LODI, A. B. C. O poder da escrita e a escrita do poder. *In*: LODI, A. B. C; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. de (Org.). **Leitura e Escrita no Contexto da Diversidade**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 19-26.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem, Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2015.

SCHEFFER, M. L. C.; BEZ, M. R.; PASSERINO, L. M. Mídias digitais na educação de surdos. *In*: TAROUCO, L. M. R. *et al.* **Objetos de Aprendizagem**: Teoria e prática. CINTED/UFRGS. Editora Evangraf: Porto Alegre, 2014.

SILVA, G. M.; COSTA, J. M.; LOPES, L. P. S. Formação de Professores de Português para Surdos: entre o ideal, o real e o possível. **Caminhos em Linguística Aplicada**, Taubaté, v. 11, n. 2, p. 1-23, 2014.

SOARES, M. B. **Alfabetização e Letramento**. 7. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

STUMPF, M. R. **Educação de Surdos e as Novas Tecnologias**. Florianópolis, 2010. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Material Pedagógico). Disponível em: <https://libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixo-FormacaoPedagogico/educacaoDeSurdosENo_vasTecnologias/assets/719/TextoEduTecnologia1_Texto_base_Atualizado_1_.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

VIEIRA, M. S. P. Letramento digital: o uso de tecnologias da informação e da comunicação no ensino da leitura. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 3., 2013. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 1-10.

XAVIER, C. S. X. Letramento digital e ensino. *In.* SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. **Alfabetização e letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 133-148.